

PESQUISAS

Reflexo ou manipulação da realidade?

Critérios usados pelos institutos são questionáveis, podendo causar a distorção dos resultados eleitorais

Sempre em época de eleição no Brasil, a polêmica ressurgiu: as pesquisas eleitorais refletem realmente a intenção de voto ou manipulam, através de resultados deturpados, a opção de eleitorado?

Os institutos e os defensores da realização ampla de enquetes eleitorais procuram se defender das acusações de manipulação afirmando que os números das pesquisas normalmente coincidem com os resultados das urnas. Mas os críticos afirmam, em resposta, que a tendência apontada pelas pesquisas acaba influenciando o eleitorado, alterando o resultado final.

O fenômeno principal dessa influência sobre os eleitores seria o chamado "voto útil". Segundo o jornalista Procópio Mineiro — que participou da cobertura de várias apurações e desmontou o esquema Proconsult^(*) nas eleições para o governo do Rio de Janeiro em 1982 — o voto útil teve papel importante na eleição presidencial de 94.

Procópio lembra que o DataFolha mediu a rejeição ao candidato Luís Inácio Lula da Silva um mês antes da eleição em 38%, mais que o dobro do índice de Fernando Henrique Cardoso (17%). "Quem não queria a vitória do candidato do PT, pode ter escolhido o líder das pesquisas (FHC) para evitar um 2º turno."

Para o jornalista, a influência das pesquisas no Brasil é grande porque a maioria do eleitorado é despolitizada e acaba definindo o voto em cima da eleição. "Muitos votam em quem as pesquisas dizem que está ganhando."

Uma das limitações mais sérias das pesquisas é a forma como são escolhidos os eleitores a serem entrevistados, segundo Eduardo Costa, professor titular da Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz (RJ). "Os participantes não são escolhidos ao acaso, e sim entre os que parecem

abordáveis ao entrevistador e que se dispõem a responder." Isso faria com que a proporção de votos nulos ou de indecisos ficasse subestimada. A escolha do entrevistado pelo entrevistador faz com que a pesquisa fique vulnerável a fraudes, conclui.

Para a cientista política Vânia Bambirra, as pesquisas eleitorais falham ao desprezar o alto número de indecisos. Segundo ela, a eleição presidencial desse ano foi caracterizada pelo fato dos eleitores não expressarem sua intenção de voto claramente, como ocorreu no pleito de 1989. "Não se viu quase adesivos afixados em carros ou pessoas com *bottons* na camisa."

Manipulação — Em setembro, o Tribunal Superior Eleitoral determinou ao TRE do Rio de Janeiro a abertura de um inquérito contra o Ibope para investigar o uso do questionário preparado pelo instituto para a realização de um "teste de argumentação". O questionário descrevia o candidato do PT à presidência, Luís Inácio Lula da Silva, como um candidato sem condições de assumir o cargo, por não possuir sequer o diploma de 2º grau, ao contrário de Fernando Henrique, sociólogo que tinha como um dos méritos, segundo o questionário, a paternidade do Plano Real.

O Ibope argumentou em sua defesa prévia que os dados resultantes do questionário não seriam divulgados publicamente, tendo uso exclusivamente interno. A direção do instituto de pesquisa não revelou o nome do cliente que contratou o teste, alegando razões éticas. (Marcelo Monteiro)

(*) Nas eleições de 82 para o governo do Rio, a apuração paralela realizada pela rádio JB AM revelou resultados opostos à oficial, processada pela empresa Proconsult. O programa totalizava de maneira errada os votos nulos e brancos. Os totais dos votos para senador, deputados federais e estaduais também não coincidiam. Antes da verificação das folhas, um dos diretores da Proconsult, Arcádio Vieira, garantia a vitória do candidato do PDS ao governo, Moreira Franco, por 60 mil votos. O vencedor foi Leonel Brizola.